

Santo Agostinho

**A
Vida Feliz**

**Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018**

A vida feliz

Santo Agostinho

Introdução¹

O livro **A vida feliz** eu compus não após, mas junto com meu livro **Contra os acadêmicos**.

A ocasião foi meu aniversário de nascimento e foi terminado em três dias de debates, como eu mesmo informo nele.

Ele estabelece que todos nós que nos dedicamos a buscá-la concordamos que a vida feliz só pode consistir no perfeito conhecimento de Deus.

Eu lamento ter concordado mais do que devia com Mânlio Teodoro, um homem sábio e cristão a quem dediquei este livro.

Incomoda-me bastante ter utilizado muito nele a palavra *fortuna*, bem como ter dito que, nesta vida, a beatitude só mora na razão do sábio, qualquer que seja o estado de seu corpo, enquanto que o perfeito conhecimento de Deus, ou seja, o máximo que o ser humano pode conseguir, só pode ser esperado, de acordo com o testemunho do Apóstolo, na vida futura.

Somente essa vida futura deve ser chamada de feliz, por que o corpo, transformado em incorruptível e imortal, estará então submetido à alma, sem nenhum sofrimento e sem nenhuma resistência.

¹ Das *Revisões*. Livro I, cap. II.

Eu encontrei entre meus manuscritos este livro interrompido e muito abreviado. Ele tinha sido transcrito assim por alguns de nossos irmãos e, desde que comecei esta revisão, eu não pude encontrar ainda um texto integral que pudesse me servir para fazer correções.

Este livro começa assim: *Se, para chegar ao porto da filosofia que conduza ao território e morada da vida bem aventurada, nós só temos como guias nossa razão e nossa vontade, talvez eu não me precipite muito ao lhe dizer, ó nobre coração e grande espírito Teodoro, que muito poucas pessoas, até o presente, chegaram a ela.*

Capítulo 1

O infortúnio e a vocação para a filosofia.

Se, para chegar ao porto da filosofia que conduza ao território e morada da vida bem aventurada, nós só temos como guias nossa razão e nossa vontade, talvez eu não me precipite muito ao lhe dizer, ó nobre coração e grande espírito Teodoro, que muito poucas pessoas, até o presente, chegaram a ela.

Ainda hoje vemos que são raros e pouco numerosos aqueles que a atingem. Já que é Deus ou a natureza ou a necessidade ou nossa vontade ou a reunião de algumas destas causas ou o ajuda de todas estas causas ao mesmo tempo (um grande mistério que você já se propôs a desvendar) que nos jogou, por assim dizer, ao acaso e ao mar proceloso deste mundo.

Muito poucas pessoas poderiam saber por elas mesmas para onde se dirigir ou se é preciso voltar sobre os próprios passos, se, às vezes, apesar de seus desejos ou esforços, algumas dessas tempestades que a irreflexão chama de infortúnios, não as empurrassem, em sua corrida cega e errante, rumo a essas praias tão desejadas.

Capítulo 2

As três categorias de navegadores.

Os navegadores capazes de atracar no porto da filosofia podem, em minha opinião, se dividir em três classes.

Primeiro são aquelas pessoas que, desde a idade da razão, tomam um pequeno impulso, dão umas pequenas remadas e vão se abrigar nesse porto tranquilo, onde constroem um farol brilhante para lembrar seu curso fácil e para informar, na medida do possível, seus concidadãos e guiar seus esforços até elas.

Na segunda classe de navegadores, bem diferente da primeira, é preciso incluir as pessoas que, enganadas pela calma aparente de elementos pérfidos, se decidem avançar pelo meio das ondas, que se aventuram para longe de suas pátrias e que frequentemente perdem a lembrança delas. Esse vento pérfido, que elas acreditam favorável, continua, por azar, a impulsionar seus navios e elas descem até o fundo do abismo das misérias humanas, embriagadas de orgulho e de alegria, por que as volúpias e suas honras as agraciam com seus sorrisos falaciosos. A essas pessoas, o que se deve desejar, se não são alguns reveses no

meio dessa sorte que os mima e, no caso em que esses reveses não bastem, alguma boa tempestade e um vento contrário que as empurre rumo a alegrias certas e sólidas, mesmo que lhes arranque lágrimas e gemidos?

No entanto, a maior parte desses navegadores, não tendo se aventurado para muito longe, também não são arrastados até o porto por essas graves tempestades. Eu falo aqui daquelas pessoas em que acontecimentos deploráveis e trágicos, as dificuldades cheias de angústia de uma posição infrutífera empurram, em sua condição de ociosos, rumo às obras dos cientistas e dos filósofos, que acabam, de alguma forma, por despertá-las para esse porto, de onde o mar — com todas as suas promessas e sorrisos por demais pérfidos — não pode mais afastá-las.

Há uma terceira classe de navegadores. É a daquelas pessoas que, no início mesmo da adolescência ou após ter sido bastante sacudidas pelo mar, não perdem de vista certos sinais e se lembram, no meio das ondas, de sua doce pátria. Então, ou bem elas retornam direto, sem se desviar e sem se tardar, ou bem — e este é o caso mais frequente — se afastando de sua rota sob um céu nublado, examinando com os olhos os astros, que as vagas lhes perturbam a visão, cativadas por não sei quais encantos, recuam no momento em que poderiam fazer uma boa travessia, erram por muito tempo e muito frequentemente mesmo, se veem em perigo. Mas, frequentemente também, essas pessoas veem a sorte lhes escapar e alguma calamidade, tal como uma tempestade que vem

se opor aos seus esforços, as impulsiona rumo a essa pátria tão desejada e tão tranquila.

Capítulo 3 **A montanha da vanglória.**

No entanto, diante dos olhos de todas essas pessoas, que se dirigem, seja de que maneira for, rumo ao território da vida bem aventurada, se ergue uma montanha gigantesca situada bem diante do porto. Para aqueles que entram nesse porto, ela só deixa uma passagem bem estreita. Ela deve lhes inspirar o mais vivo terror e é preciso que elas a evitem com a maior precaução, pois essa montanha é muito brilhante e é envolvida por um clarão tão enganador que não é somente àqueles que chegam e ainda não entraram no porto que ela se oferece como lar, lhes prometendo satisfazer seus desejos e substituir por eles a terra da felicidade.

Mas, na maioria das vezes, no próprio porto, as pessoas são objeto dessas seduções e algumas vezes ela as retém pela atração de seu cume elevado, donde eles poderão ver as outras pessoas aos seus pés.

No entanto, por diversas vezes os novos que chegam são advertidos para se desviarem dos escolhos escondidos no pé dessa montanha e para que não acreditem que seja fácil subir até o alto dela. A eles é mostrado, com uma benevolência extrema, o lugar onde eles podem atracar sem perigo, pois a terra bem aventurada está próxima. Assim, mesmo

lhes sendo recusada uma glória das mais vãs, lhes é indicado o asilo da segurança.

De fato, se a razão for consultada, o que é esse monte tão temido por aqueles que se aproximam da filosofia ou que ali atacam, se não é o amor orgulhoso por uma glória vã? Longe de oferecer algo de substancial ou de sólido, ela se esfarela sob os passos dessas pessoas soberbas que atingiram o cume, para cair em um abismo devorador e para submergi-las nas trevas profundas onde caem, bem próximo da morada brilhante que estavam a ponto de alcançar.

Capítulo 4 **As experiências espirituais de Agostinho.**

Sendo assim, saiba, meu caro Teodoro (pois, para obter o que eu desejo, é somente sobre você que tenho meus olhos fixos; é você que eu considero sempre como o homem adequado aos meus propósitos); saiba, repito, qual é destas três classes de navegadores a que você pertence, antes de que me una a você; saiba qual é a situação na qual eu me encontro e qual o tipo de ajuda que eu espero de você com confiança.

Desde os meus dezenove anos de idade, quando na escola de um retórico eu estudei a obra de Cícero chamada **Hortêncio**, eu me senti inflamado por um amor tal pela filosofia que eu logo pensei em me dedicar totalmente a ela. Mas encontrei nevoeiros que afastaram meus passos e, por muito tempo, confesso, meus olhos consultaram as inclinações dos astros e isso me induziu ao erro. Uma superstição pueril me

afastou da busca da verdade e, quando retomei o caminho, dissipei essas trevas, quando me convenci que devia mais me reportar à ciência do que à autoridade, eu encontrei pessoas que viam como um poder superior e como uma divindade digna de culto, essa luz que se percebe com os olhos do corpo².

Eu não concordei com eles, mas pensei que eles escondiam alguma grande verdade, sob véus que um dia eles iam afastar.

Quando me livreí deles, quando escapei deles, quando eu, enfim, deixei de remar com eles, meu leme lutou por muito tempo contra todos os ventos, no meio das vagas, sendo os acadêmicos os meus pilotos. Em seguida vim para estas paragens e foi aqui que conheci a estrela polar que deveria me guiar.

Muitas vezes eu me disse, ao escutar as conversas de nosso santo pontífice³ e, algumas vezes, escutando as suas, que a ideia de Deus exclui qualquer pensamento material e que há nela também a ideia de alma, pois, a alma é, sem dúvida, o que mais se aproxima de Deus.

Mas o que me impedia de voar rapidamente para o seio da filosofia, confesso, era o atrativo do casamento e das honras. Atingido este duplo objetivo, eu me propus o que só foi dado a um pequeno número de privilegiados: lançar-me com todas as velas e a força silenciosa dos remos, rumo ao asilo da felicidade e ali desfrutar de seu repouso.

² Os maniqueus. Veja *Confissões*, Livro III, Cap. 6.

³ Santo Ambrósio. Ver *Confissões*, Livro VI, Cap. 3 e 4.

Mas, após ter lido algumas obras de Platão, pelo qual eu conheci seu amor, após havê-las comparado, na medida do possível, com aquelas obras plenas de autoridade, que nos transmitiram os divinos mistérios, eu fui transportado com ardor.

Eu quis quebrar todas as âncoras que retinham meu navio, mas a consideração que eu tinha pela opinião de algumas pessoas⁴ tocava ainda minha alma. Que recurso me restava ainda, quando eu me prendia por essas vaidades? Faltava-me a ajuda de uma dessas tempestades que são consideradas como infortúnios. Eu experimentei então um tal esfacelamento do coração que, incapaz de sustentar o fardo de uma profissão que empurrava minhas velas rumo às sereias, eu desisti de tudo para conduzir ao porto tranquilo que era o objetivo de meus anseios, meu navio batido pela tempestade e profundamente danificado.

Capítulo 5

O estado atual da consciência de Agostinho.

Você vê agora qual é a filosofia nas águas da água eu navego, como que em um porto. Mas esse porto também é vasto e nesse grande espaço é possível ainda se perder, embora com menos perigo. Pois, para que região dessa terra, única morada da beatitude, eu devo me dirigir, para tomar pé? Isso é o que eu ignoro completamente.

⁴ Cf. Confissões, Livro VIII, cap. 9, par. 20.

Em que terra sólida, com efeito, eu coloquei os pés até aqui? Eu, para quem a natureza da alma é ainda uma questão com qual eu cambaleio e sobre a qual eu flutuo.

Eu te imploro então, em nome da virtude, em nome de sua humanidade, em nome dos laços e da relação íntima que une nossas almas, estenda-me as mãos, ou seja, ama-me e creia que eu te amo e te estimo, em troca.

Se você atender ao meu pedido, um pequeno esforço me dará o meio de me aproximar dessa vida bem aventurada onde você se fixou, eu presumo.

Ora, para lhe mostrar minha linha de conduta e a maneira como eu me fixo nela, para conduzir meus amigos ao porto, para fazer com que você leia mais correntemente em minha alma __ pois não tenho jeito melhor de lhe mostrar meu jeito de ser __ eu creio ter que lhe dirigir e lhe dedicar as minhas primeiras dissertações que possuem um caráter mais religioso e mais digno de receber seu nome.

Isto é muito conveniente, sem dúvida, pois a vida bem aventurada foi o assunto de nossas conversas e nada, eu creio, merece mais o nome de presente divino.

Sua eloquência não me foi imposta e o que eu amo, com efeito, pode se encontrar fora do meu alcance, mas não pode me assustar.

Sua grande fortuna me assusta bem menos ainda. Por maior que ela seja, de fato, ela está sob suas ordens, enquanto que ela transforma em escravos aquele que ela domina.

É isto o que eu tenho a oferecer. Preste atenção, eu lhe peço!

Capítulo 6

Apresentação dos participantes do simpósio.

13 de novembro é o aniversário de meu nascimento. Depois de uma refeição leve, que não podia pesar em nossas mentes, todos os meus comensais desse dia, que eram também os de cada dia, foram convidados por mim para irem até a sala de banhos. Esse lugar me pareceu propício, pois era adequado à estação e solitário.

Estavam ali ___ e sua benevolência singular me autoriza a nomeá-los ___ minha mãe, primeiramente, à qual sou devedor por tudo o que vive em mim; meu irmão Navígio; Trigécio e Licêncio, meus concidadãos e meus discípulos. Estavam também Lastidiano e Rústico, meus primos, que não tinham estudado com nenhum mestre, mas dos quais eu não quis me privar nessa conversa, por que seu bom senso natural parecia necessário aos meus propósitos. Havia também o mais jovem de todos nós. Mas seu espírito, se minha ternura não me engana, promete muito. Era Adeodato, meu filho.

Diante desse auditório atento, eu comecei nestes termos:

Capítulo 7

A consciência do necessário e do desejo.

__ É evidente para vocês que somos compostos de corpo e de alma?

Todos responderam afirmativamente. Navígio respondeu que ele ignorava. Então, tomando a palavra, eu lhe perguntei:

__ Você ignora completamente ou isso deve contar como uma das muitas outras coisas que você não sabe?

Ele respondeu:

__ Eu não creio que eu esteja na ignorância absoluta em todas as coisas.

__ Pois bem! Você pode nos indicar alguma coisa que você sabe?

__ Posso.

__ Compartilhe então conosco, por favor.

Como ele hesitava, eu lhe perguntei:

__ Você sabe pelo menos que está vivo?

__ Sim, eu sei.

__ Você sabe então que você tem a vida, já que é impossível viver sem a vida?

Ele disse:

__ Isso eu sei.

__ Você sabe também que tem um corpo?

__ Sim.

__ Você sabe então que é composto de corpo e vida?

__ Isso eu sei bem, mas ignoro se estes são os únicos elementos do meu ser. Isto é uma incógnita para mim.

__ Eis então duas coisas que você não duvida: a alma e o corpo. Apenas você não sabe se há ainda outra coisa que sirva para completar e formar o ser humano.

__ É isso mesmo.

__ Qual é esse outro elemento, poderemos procurar uma outra vez. Agora eis uma questão que coloco a todos. Já que concordamos unanimemente que o ser humano não pode existir sem um corpo e uma alma, por qual destas duas partes de nós, procuramos o alimento?

"Pelo corpo", disse Licêncio. Os outros hesitaram e se perguntaram entre eles como é que podia ser pelo corpo que se demandava o alimento como uma necessidade, já que o alimento tem por objetivo sustentar a vida e a vida pertence à alma.

Então, tomando a palavra, eu disse:

__ Vocês pensam que o alimento interessa à parte de nós onde se dá o desenvolvimento e a força?

Todos responderam afirmativamente, com exceção de Trigécio, que colocou esta questão:

__ Por que meu desenvolvimento não foi proporcional ao meu apetite?

Eu lhe respondi:

__ Foi por que a natureza fixou, para todos os corpos, um limite de desenvolvimento. Esse limite não será atingido se os alimentos faltarem. Esse fato é fácil de ser verificado nos animais e não se duvida que, na falta de alimentos, todos os seres vivos emagrecem.

Afirmou Licêncio:

__ Emagrecem mas não decrescem.

Eu completei:

__ Isto é o suficiente para provar o que eu quero. A questão é, de fato, saber se é ao corpo que o alimento interessa. Ora, ele o interessa por que, se ele lhe faltar, o corpo emagrece.

Todos concordaram.

Capítulo 8

Necessidade, alimento da alma, conhecimento e virtude.

Eu retomo:

__ E a alma não tem também seus alimentos? Seu alimento é a ciência?

Minha mãe disse:

__ Sim, os únicos alimentos da alma, em minha opinião, são a inteligência das coisas e a ciência.

Como Trigécio não parecia convencido dessa verdade, ela acrescentou:

__ Hoje mesmo você não mostrou onde a alma toma seus alimentos? Pois, em um certo momento da refeição, você disse que não tinha

observado os copos que usamos, por que, não sei que outros pensamentos te ocupavam. No entanto, você os havia tocado e degustado neles alguns dos pratos. Onde estava então sua alma, quando você comia e ela não prestava atenção no festim? Ah! Creia-me que os alimentos da alma são os pensamentos e a contemplação, na medida em que ela possa recolher deles alguma coisa.

Como meus interlocutores manifestavam ruidosamente suas dúvidas, eu lhes disse:

— Vocês não concordam que as almas das pessoas esclarecidas são bem mais cheias e maiores, de uma certa maneira, do que as das pessoas ignorantes?

Eles responderam que isso era evidente.

Eu continuei:

— Não temos então razão de dizer que aqueles que a ciência e o ensino não alimentaram estão em jejum e, por assim dizer, esfomeados?

Diz Trigécio:

— Eles também têm a alma cheia, mas de vícios e de corrupção.

Eu retomo:

— Eis então o que provoca nessas almas um tipo de esterilidade e, por assim dizer, de inanição. Pois, se esses corpos estão privados de alimento e, na maior parte do tempo, tomados por doenças e afecções indicadoras da fome, essas almas, por seu lado, estão cheias dos males que revelam longos jejuns.

A palavra *nequititia*, que designa a corrupção, mãe de todos os vícios, vem, segundo os antigos, do fato de ela é sem nenhum bom efeito __ *nequidquam* __ de que ela é o nada, *nihil*.

A virtude oposta a esse vício se chama *frugalidade*. Da mesma forma então que frugalidade vem de *frux*, ou seja *frutus* (fruto), por que ela torna, por assim dizer, as almas fecundas. Da mesma forma como a esterilidade, ou seja, o nada (*nihilum*), deu seu nome à corrupção (*nequitia*).

Daí decorre, de fato, que o que se dissolve, o que se liquefaz, o que, por assim dizer, morre sem cessar, é nada. Eis por que chamamos as pessoas atingidas pelo vício, que mencionamos, de pessoas perdidas em dissolução. O que é alguma coisa é aquilo que permanece, que fica, que é sempre o mesmo; como a virtude, cujo elemento mais importante e mais belo é a temperança ou a frugalidade.

Mas, se esta é uma virtude muito obscura para que seja compreendida neste momento, vocês devem concordar pelo menos __ já que as almas ignorantes são cheias também __ que há, para as almas, como para os corpos, dois tipos de alimentos: uns salubres e úteis e outros maléficos e envenenados.

Capítulo 9 **Saúde moral e desejo.**

Sendo assim e já que, como estamos de acordo, o ser humano é composto de duas partes, ou seja, de corpo e de alma, eu creio dever, no

dia do meu nascimento, oferecer uma refeição que seja esplêndida não só aos seus corpos, mas também às suas almas.

Essa refeição, qualquer que seja ela, eu lhes servirei, se vocês tiverem fome, pois, se me proponho a alimentá-los, apesar de sua falta de apetite e relutância, eu desperdiçarei meu esforço e devemos desejar a vocês mais gosto pelos alimentos da alma do que para os do corpo.

E isso acontecerá se suas almas forem saudáveis, pois os doentes __ nós vemos isso nas doenças do corpo __ recusam ou rejeitam o alimento.

Todos, com o rosto e a voz, se declararam prontos para tomar e devorar tudo o que eu tiver preparado.

Capítulo 10 **O desejo universal de felicidade.**

Então, retomando a palavra, eu lhes perguntei:

__ Queremos ser felizes?

Eu mal deixei escapar estas palavras e eles responderam afirmativamente em uníssono.

Eu lhes disse:

__ Vocês acham que se seja feliz, quando não se tem o que se deseja?

Eles responderam negativamente.

__ Por outro lado, somos sempre felizes quando temos o que queremos?

Então, minha mãe:

__ Quando se deseja o bem e se o possui, se é feliz. Mas, quando se deseja o que é mau, mesmo o possuindo se é infeliz.

Então, sorrindo e cheio de alegria, eu lhe falei:

__ Eis você, minha mãe, no cume da filosofia! Só lhe faltou o estilo, para se expressar como Cícero, que falou neste sentido. Em seu **Hortêncio**, de fato __ que é o elogio e a defesa da filosofia __ se encontra esta passagem: "Eis pessoas que, sem serem filósofos, estão sempre prontas a debater. Elas declaram que se é sempre feliz quando se vive como se quer. Erro profundo! Pois querer o que não convém é o cúmulo do infortúnio e se é menos infeliz por não se obter o que se deseja, do que por procurar o que não se deve. A depravação da vontade faz mais mal do que o sucesso faz bem".

Diante destas palavras, minha mãe soltou tantas exclamações que, nos esquecendo totalmente de seu sexo, imaginamos ver sentado no meio de nós algum grande homem.

Eu, no entanto, considerei, na medida em que eu pude, de que fonte divina vieram estas palavras.

Então, Licêncio perguntou:

__ Mas, diga-nos então o que é preciso querer para ser feliz e quais devem ser os objetos de nossos desejos?

Eu lhe disse:

__ Convida-me para o seu aniversário. Quando você se dignar a me dar essa honra, eu aceitarei de boa vontade tudo o que você me servir. Desta forma, eu o convido para almoçar comigo hoje e não me peça alimentos que talvez não estejam preparados.

Como ele pareceu se arrepender de sua observação modesta e reservada, eu retomei:

__ Assim, eis o que está acordado entre nós: não se pode ser feliz se não se tem o que se deseja e, quando se tem o que se deseja, nem sempre se é feliz?

Todos concordaram sobre este ponto.

Capítulo 11

O objeto do desejo e da felicidade.

Eu continuei:

__ Agora, você concorda comigo que, quando não se é feliz, se é infeliz?

Eles não hesitaram.

__ Quando não se tem o que se quer, se é infeliz?

Todos concordaram.

Eu disse:

__ O que é então que o ser humano deve adquirir para ser feliz? Talvez possamos, de fato, acrescentar ao nosso simpósio este suplemento, para suprimos o apetite de Licêncio. Em minha opinião, o que o ser humano deve adquirir é o que ele pode adquirir quando ele quer.

Eles disseram.

__ É evidente.

Eu continuei:

__ Assim, isso deve ser um bem permanente, independente da sorte e acima de todos os acasos, pois, o que é frágil e mortal, não podemos possuir quando queremos e nem na medida em que queremos.

Todos manifestaram concordância, mas Trigécio disse:

__ Há muitos mortais felizes que possuem em abundância e largamente bens frágeis, submetidos ao acaso, mas que fazem, todavia, o encanto desta vida. Nada lhes falta do que eles desejam.

Eu o rebati com esta questão:

__ Quando se tem medo, se é feliz?

Ele disse:

__ Não.

__ E quando se pode perder o que se ama, é possível evitar ter medo?

__ É impossível.

__ Mas se pode perder esses bens expostos ao azar. Então, quando se ama e quando se possui tais bens, é impossível ser feliz.

Ele não replicou e minha mãe tomou a palavra. Ela disse:

__ Tais bens, mesmo quando estamos seguros de não perdê-los, não podem nos saciar. Então somos mais infelizes ainda, por que estamos sempre carentes.

Eu lhe digo:

__ Pois então! Quando se nada na abundância de todas as coisas, se não se sabe colocar limites aos desejos, se contentar com o que se tem, desfrutar com sabedoria, não se é feliz, segundo você.

Ela retoma:

__ Então, não são os bens que fazem a felicidade, mas a moderação.

Eu lhe digo:

__ Muito bem! Não se poderia responder de outra forma. E você, em particular, não poderia me dar outra resposta. Desta forma, é indiscutível para nós que, quando nos decidimos ser felizes, precisamos procurar um bem permanente e ao abrigo dos rigores da sorte.

Diz Trigécio:

__ Há muito tempo estamos de acordo sobre este ponto.

Eu lhe digo:

__ Deus, em sua opinião, é eterno e permanente?

Responde Licêncio:

__ Isto é tão certo que não se discute.

Todos se inclinaram pia e devotamente.

Eu acrescento:

__ Por consequência, possuir Deus é ser feliz.

Capítulo 12

As diversas opiniões dos participantes.

Eles admiram com alegria e com todo seu coração esta verdade.

Eu lhes digo:

__ Só nos resta então descobrir qual é a pessoa que possui Deus, pois tal pessoa será feliz, seguramente. Digam-me, o que vocês acham.

Aqui, Licêncio diz:

__ Possui Deus quem vive de acordo com a virtude.

Trigécio, por sua vez:

__ Possui Deus quem faz o que Deus quer.

Lastidiano era da mesma opinião. Meu filho, o mais jovem de meus interlocutores, diz então:

__ Possui Deus aquele cuja alma é isenta de máculas.

Minha mãe aprovou todas as respostas, mas, sobretudo, a última.

Navígio se manteve calado e eu lhe perguntei sua opinião. Ele respondeu:

__ Eu me coloco ao lado daquele que falou por último.

Não achei que devia deixar de interrogar Rústico sobre seus sentimentos, em uma questão tão importante. Pareceu-me que a reserva tinha tanta parte em seu silêncio quanto a reflexão. Ele adotou a opinião de Trigécio.

Capítulo 13

Moderação na busca.

Assim, eu lhes disse, conheço a opinião de cada um sobre esta grande questão, antes da qual não devemos procurar nada, não podemos encontrar nada, contanto, todavia, que continuemos a aprofundar esse tema com toda a calma de nossa alma e com toda sinceridade de nosso coração. Mas, hoje isso nos levaria muito longe. Há também nos festins da alma exageros sobre a mesa. Se nos jogamos muito avidamente sobre os repastos espirituais, os digerimos mal e a saúde da alma sofre, como sofreria por inanição.

Retomaremos então esta questão amanhã, se vocês concordarem, quando termos um bom apetite. Contentem-se hoje em saborear estes regalos que seu anfitrião tem a intenção de lhes servir. São, se não me engano, regalos de doçuras, os pratos que figuram na sobremesa, todo elaborado no mel da escola.

Com estas palavras, todos estenderam as mãos, como que para um prato que lhes era oferecido e me forçaram a lhes explicar imediatamente o que eu ia lhes servir. Eu lhes disse:

— Ora essa! Não se lembram de que acabamos de terminar o debate sobre os acadêmicos?

À palavra acadêmicos, os três interlocutores que estavam a par do que eu quis dizer se levantaram com ardor e, com os braços estendidos,

por assim dizer, encorajaram como puderam aquele que os servia, demonstrando que nenhum outro repasto lhes era mais saboroso.

Capítulo 14

Segundo Agostinho, os acadêmicos não alcançaram a felicidade.

Eis a argumentação que eu lhes expus então. Se é claro __ nós vimos há pouco __ que não se pode ser feliz quando não se tem o que se quer; se só se procura o que se quer encontrar e se os acadêmicos sempre procuram a verdade é por que eles querem encontrar a verdade e querem ter um meio de encontrá-la. Ora, eles não a encontram. Portanto, eles não possuem o que eles querem e, logo, eles não são felizes. Então, um acadêmico não é um sábio.

Todos então irromperam em exclamações, como se se saboreassem todas as minhas palavras. Mas Licêncio, precavido, acrescentou:

__ Como você, eu me joguei sobre este raciocínio e me dei conta de que esta conclusão me impressionou. Mas, eu não a engolirei e guardarei minha parte para dá-la a Alípio. Ele a saboreará comigo ou me dirá por que não se deve gostar dela.

Eu disse:

__ É Navígio que deveria, mais do que você, temer as guloseimas, pois ele tem o baço em mau estado.

Então Navígio, sorrindo, diz:

__ Essas guloseimas me curarão, sem nenhuma dúvida. Pois, não sei como isso acontece, mas esse raciocínio espinhoso e picante que você nos apresentou, me parece o mel de Himeto, que dizem ter um sabor agridoce e não incha as entranhas. Por isso, mesmo que ele me pique um pouco o palato, eu o absorvo todo da melhor maneira e de muito bom coração. Eu não vejo, de fato, como se poderia atacar esta conclusão.

Diz Trigécio:

__ É impossível e não estou chateado por ter estado tanto tempo envolvido com os acadêmicos. Não sei qual instinto, ou melhor, qual impulso divino me levou, mas eu me tornei seu ardente inimigo, mesmo sem saber como fazer para refutá-los.

Capítulo 15

Licêncio rebate a tese de Agostinho.

Então Licêncio diz:

__ Eu ainda não deserto de sua bandeira.

Diz Trigécio:

__ Então, você está em desacordo conosco.

Pergunta Licêncio:

__ Você está em desacordo com Alípio?

Eu lhe respondi:

_ Não tenho dúvidas de que, se Alípio estivesse aqui, ele se inclinaria diante de uma argumentação tão simples. Ele não seria tão irra-

cional para considerar como felizes pessoas privadas de um bem imenso que desejam com todas as suas forças, para acreditar que os acadêmicos não querem encontrar a verdade ou que, quando não se é feliz, não se pode ser sábio. Pois estes são, por assim dizer, os três ingredientes ___ o mel, a farinha e as amêndoas ___ que compõem este bolo que você não quer degustar.

Diz Licêncio:

___ Ele se deixaria seduzir por essa guloseima leve, própria para crianças? Ele abandonaria, por ela, essa fonte fecunda da filosofia acadêmica, cujas vagas logo engolirão ou arrastarão qualquer pedacinho de bolo?

Eu retomei:

___ Como se nós precisássemos discutir isso por muito tempo! Particularmente com Alípio! Mas ele defenderia, com seu próprio corpo, que ao meu pequeno raciocínio não falta força e nem utilidade. Quanto a você, que resolveu se apoiar na opinião de um ausente, qual das minhas proposições você não aprova?

Você se recusa a concordar comigo que não se é feliz quando não se tem o que se deseja? Você quer dizer que os acadêmicos não querem encontrar e possuir a verdade que eles procuram com tanto ardor? Você conhece um sábio que não seja feliz?

Ele diz, com um sorriso amargo:

__ É completamente feliz aquele que não tem o objeto de seu desejo.

Como eu exigi que esta afirmação fosse consignada por escrito, ele respondeu, indignado:

__ Eu não disse isso.

Como eu assinaliei para meus ouvintes que, ainda assim, tomassem nota de sua declaração, ele acrescentou:

__ Está bem! Eu disse isso.

Ora, como eu tinha recomendado que, uma vez por todas, toda palavra fosse escrita, eu tive então meu jovem debatedor flutuando entre sua teimosia e a vergonha de se desdizer.

Capítulo 16 **Mônica define os epiléticos.**

Enquanto nos dedicávamos jovialmente em tomar parte do festim, observei que os outros convivas, ignorando tudo o que se passava e curiosos em saber o que podíamos nos dizer com uma fisionomia tão divertida, me olhavam sem rir. Eles me pareceram, de fato, esses convivas encontrados muito frequentemente no meio de comensais ávidos e vorazes e que evitam tocar nos repastos, por um sentimento de dignidade e contenção.

Como eu os havia convidado, como eu desempenhava naquela ocasião o papel de um grande personagem e, para dizer tudo, o papel daquele que convida em nome de uma pessoa realmente digna do nome,

eu não pude me conter e fiquei chocado com essa diferença de atitude entre meus convivas, que rompia a harmonia de nosso simpósio.

Eu sorri para minha mãe. Usando de uma verdadeira franqueza e me ordenando, por assim dizer, que tirasse de um bufê particular um suplemento para convivas muito discretos, disse:

— Diga-nos então e explique-nos, quais são esses acadêmicos e o que eles querem.

Eu expliquei com alguns termos bem claros e de maneira a informar todo mundo sobre eles.

Ela disse, então:

— Essa gente sofre de epilepsia. Este é o nome que se dá, entre nós do povo, àqueles que sofrem do grande mal⁵.

Mal disse isto, ela se levantou para ir-se embora.

A refeição estava terminada. Nós nos retiramos de muito bom humor e rindo.

Capítulo 17

Recapitulação do debate.

No dia seguinte, sempre após o almoço, os mesmos convivas se reuniram no mesmo lugar, mas tinham chegado um pouco mais tarde do que no dia anterior.

Eu lhes disse:

⁵ Sabe-se que os romanos interrompiam suas assembleias quando alguém tinha um ataque do grande mal (epilepsia). Daí o comentário jocoso de Santa Mônica.

— Vocês chegaram tarde ao festim. Não acho que tenha sido por que a refeição de ontem lhes tenha provocado indigestão. Mas, na opinião de vocês, sem dúvida meus festins são bem modestos e vocês não acharam que tinham que se apressar para atacar repastos que são logo comidos. Não é provável, de fato, que tenha restado grande coisa de uma refeição cujo cardápio não correspondia à solenidade do dia.

Talvez vocês tenham razão, mas ignoro, como vocês, o que pode haver aí já pronto. Há um outro anfitrião, de fato, que não deixa de fornecer a todo mundo todo tipo de repastos e, sobretudo, os repastos que tratamos no momento. Mas a fraqueza ou a saciedade ou a preocupação nos impede de tocá-los.

Esse anfitrião, quando está conosco, faz nossa felicidade. Esta é, se não me engano, uma verdade com a qual nós concordamos ontem, com fervor e com firmeza.

A razão, de fato, nos demonstrou que se é feliz quando se tem Deus. Nenhum de nós se recusou admitir esta máxima. Toda a questão foi então saber quem é aquele que lhes parece possuir Deus.

Então, se tenho boa memória, três opiniões ficaram claras. Uns foram da opinião que se possui Deus quando se faz a vontade de Deus. Outros disseram que se possui Deus quando se leva uma vida virtuosa. Os outros pensaram que as almas onde Deus habita são aquelas onde não habita o espírito chamado impuro.

Capítulo 18

A conveniência das três opiniões.

Mas talvez vocês todos tenham expressado uma única e mesma opinião em termos diferentes.

Considerando, de fato, as duas primeiras proposições, toda pessoa que leva uma vida virtuosa faz a vontade de Deus. Reciprocamente, aquele que faz a vontade de Deus leva uma vida virtuosa e viver segundo a virtude não é outra coisa além de fazer o que Deus ama. Vocês não concordam com esta opinião?

Todos concordaram com ela.

A terceira proposição pede um exame mais aprofundado. Nas fórmulas das nossas cerimônias mais santas, a expressão espírito impuro tem, ao meu ver, duas acepções. Algumas vezes ela designa o espírito que, vindo de fora, invade nossa alma, perturba nossos sentidos e provoca em nós como que transportes de fúria. Aqueles que são encarregados de expulsá-los impõem, como se diz, as mãos sobre os possuídos pronunciando um exorcismo, ou seja, afastam o espírito do mal adjurando-o em nome de Deus. A expressão espírito impuro tem outro sentido. Ela designa qualquer alma impura, ou seja, toda alma maculada pelos vícios e os erros.

É então a você que eu pergunto, meu filho; você que talvez tenha aberto este tema, com toda a serenidade e com toda a pureza de alma:

__ Qual é a pessoa que, em sua opinião, está livre do espírito impuro? É aquela que não tem nela o mau gênio que afasta as pessoas? É aquela que purgou sua alma de todo vício e de todo pecado?

Ele disse:

__ Em minha opinião, está livre do espírito impuro, aquele que vive castamente.

__ Mas, a qual pessoa você dá o título de casto? É àquela isenta do pecado? É àquela que se limita a se abster de qualquer relação ilícita?

Responde o menino:

__ Bem! Como se poderia ser casto, se se limita a se abster de qualquer relação ilícita, sem deixar de imprimir em sua alma a mácula de todos os outros pecados? A pessoa realmente casta é aquela que tem seus olhos voltados para Deus e mantém seu olhar fixado em Deus apenas.

Eu fiz com que fossem colocadas por escrito as palavras textuais do menino.

Eu disse:

__ Essa pessoa leva então, necessariamente, uma vida virtuosa. Você não concorda?

Ele concordou com todos os outros.

Eu retomei:

__ Assim, vocês todos expressaram uma só e mesma opinião.

Capítulo 19

A busca de Deus é a soma de todos os desejos.

__ Mas, digam-me: Deus quer que os seres humanos procurem Deus?

Todos concordaram comigo sobre este ponto.

__ Podemos dizer que uma pessoa que procura Deus leva uma vida contrária à virtude?

Eles disseram:

__ De forma alguma.

__ Uma terceira questão: um espírito impuro pode procurar Deus?

Eles responderam:

__ Não.

Eu retomei:

__ Se então, o ser humano que procura Deus faz a vontade de Deus, vive segundo a virtude e está livre de um espírito impuro e se, por outro lado, o ser humano que procura Deus ainda não possui Deus, segue-se que a pessoa virtuosa, que faz a vontade de Deus, que está livre do espírito impuro não deve, em nossa opinião, possuir Deus por isso.

Meus ouvintes riram por se verem presos na armadilha de suas próprias concessões. Minha mãe, há muito tempo calada, me pediu enfim que eu me detivesse e desatasse, com uma explicação, os nós dessa proposição contorcida, que a necessidade de concluir me fez jogar no

meio da assembleia. Feito isso, não se pode, no entanto, ela diz, chegar a Deus sem ter procurado por Deus.

Eu lhe digo:

__ Muito bem! Mas aquele que ainda procura Deus, não chegou ainda a Deus, mesmo vivendo na virtude. Não é, portanto, verdadeiro, dizer que a pessoa virtuosa possua Deus.

Diz minha mãe:

__ Em minha opinião, não há ninguém que não possua Deus. Mas, a pessoa virtuosa tem Deus por ela e a pessoa má tem Deus contra ela.

Eu retomei:

__ Portanto, nós erramos ontem ao conceder a felicidade àquele que possui Deus, já que toda pessoa possui Deus e nem toda pessoa é feliz.

Diz minha mãe:

__ Acrescente então que é preciso, mesmo possuindo Deus, ter Deus por si.

Capítulo 20

A objeção de Navígio à busca do filósofo acadêmico.

Eu digo:

__ Pois isto está bem convencionado: feliz é a pessoa que tem Deus por ela.

Navígio diz:

__ Eu gostaria muito de concordar com você neste ponto, mas eu ainda temo subscrever esta definição. Temo sobretudo que você acabe por conceder a felicidade a esse acadêmico, ao qual, na linguagem vulgar e pouco elegante, mas muito justa, em minha opinião, foi aplicado ontem o termo epilético. Não posso dizer, de fato, que Deus seja contrário à pessoa que o procura. Se não posso dizê-lo é por que Deus lhe é propício e aquele que possui um Deus propício, é feliz. Será então feliz aquele que procura Deus. Mas, quando se procura, é por que não se tem o que se deseja. É possível então ser feliz mesmo não tendo o que se deseja. Esta conclusão nós consideramos absurda ontem, acreditando que conseguiríamos dissipar as trevas da academia. Licêncio triunfará, então, sobre nós e me lembrará, como um médico sábio, que fui punido por ter degustado guloseimas contrárias à minha saúde.

Capítulo 21

O Deus propício e o movimento rumo à felicidade.

Minha mãe continua sorrindo.

Diz Trigécio:

__ Não concordo que Deus nos seja contrário, por que ele não nos é propício. Mas há, para o ser humano, uma situação intermediária.

Eu lhe digo:

__ Pois bem! A pessoa colocada em uma situação intermediária é a pessoa a qual Deus não é propício e nem contrário. Você acredita que ela possua Deus de uma maneira qualquer?

Trigécio hesitou:

Minha mãe disse:

__ Uma coisa é possuir Deus; outra coisa é não ser abandonado por Deus.

Eu lhe digo:

__ Pois bem! O que é melhor: possuir Deus ou não ser abandonado por Deus?

Ela diz:

__ Na medida em que eu posso ver claro em minha alma, eis o que eu penso: ser virtuoso é ter Deus por você; ser vicioso é ter Deus contra você. Mas, quando se procura Deus, quando ele ainda não foi encontrado, não o temos por nós e nem contra nós. Mas também não somos abandonados por Deus.

Eu pergunto aos ouvintes:

__ Esta é a opinião de vocês?

Eles responderam afirmativamente.

Eu continuei.

__ Respondam então esta pergunta: não se tem Deus por si, na opinião de vocês, quando não se é favorecido por Deus?

Eles disseram:

__ Sem dúvida.

__ Pois bem! Deus não favorece aquele que o procura?

__ Sim, ele favorece.

__ Aquele que busca Deus tem, então, Deus por ele e toda pessoa que tem Deus por ela é feliz. Portanto, também é feliz a pessoa que procura Deus. Ora, quando se procura é por que ainda não se tem o que se deseja. Então, se é feliz, mesmo não tendo o que se deseja.

Diz minha mãe:

__ Não! Eu não creio que se possa ser feliz quando não se tem o que se deseja.

Eu retomei:

__ Então, quando temos Deus por nós, nem sempre somos felizes.

Ela diz:

__ Se a razão exige esta consequência, eu não posso negá-la.

Eu continuei:

__ Desta forma, estabeleceremos estas distinções: toda pessoa que encontrou Deus, tem Deus por ela e é feliz; toda pessoa que procura Deus tem Deus por ela, sem ser ainda feliz; toda pessoa que, com seus vícios e pecados, se afasta de Deus, não somente não é feliz, como não tem Deus por ela.

Capítulo 22

Ter Deus por si e não ser feliz.

Eu digo:

__ Com todo mundo concordando, está tudo bem, mas, eu ainda tenho uma preocupação. Talvez vocês pensem, com relação a esta proposição já acertada por nós, que se é infeliz quando não se é feliz e, para

sermos coerentes, devemos considerar infeliz a pessoa que tem Deus por ela, mas que ainda procura Deus e que, por isso mesmo, ainda não é feliz, em nossa opinião.

Pois bem! Como Cícero, chamamos de ricos os grandes proprietários de terras e aqueles que possuem todas as virtudes, nós os chamamos de pobres!

Mas, tomem cuidado! Se temos razão em dizer que toda pessoa que tem carências é infeliz, talvez tenhamos razão em dizer que todo infeliz tem carências. Então, será verdadeiro dizer que infelicidade e carências são uma mesma coisa; proposição que já fizemos e à qual, vocês se lembram, eu dei minha concordância. Mas hoje isso nos arrastaria para muito longe. Eu peço a vocês que queiram novamente se reunir nesta mesa.

"Com muito prazer", disseram todos ao mesmo tempo e nos levantamos.

Capítulo 23

O problemático conceito de carência.

O terceiro dia de nossa conversa viu se afastarem as nuvens da manhã, que nos forçaram a ficar no banho e, à tarde, o céu retomou toda sua pureza. Resolvemos então descer para o gramado que estava próximo. Cada um se sentou o mais comodamente possível e foi assim que nossa conversa terminou.

Eu disse:

__ Eu me lembro e anotei quase todos os pontos que quis obter de vocês. Hoje então, para que nossa conversa nesta mesa entre a cada dia em uma fase nova, vocês não terão nada ou quase nada que responder. Minha mãe havia dito que a infelicidade não passava de uma carência e concordamos que todo aquele que possui alguma carência é infeliz. Mas, todos os infelizes possuem alguma carência? Esta foi a questão que não pudemos resolver ontem? Se a resposta nos for demonstrada pela razão, tudo está terminado; a pessoa feliz foi encontrada: é aquela que não tem nenhuma carência. De fato, todo aquele que não é infeliz é feliz. Somos felizes quando não temos nenhuma carência; se for verdadeiro que o que chamamos de carência é a mesma coisa que infelicidade.

Capítulo 24

Não necessariamente quem não está sujeito a carências é feliz.

Diz Trigécio:

__ Pois bem! Não podemos concluir desde já que, quando não se tem carências, se é feliz? Pois é evidente que, quando se tem carências, se é infeliz e nós concordamos, se me recordo, que não há um estado intermediário entre a felicidade e a infelicidade.

Eu lhe digo:

__ Em sua opinião, haveria um estado intermediário entre a morte e a vida? Uma pessoa não está necessariamente viva ou morta?

Ele disse:

__ Concordo que aí também não há meio termo. Mas, por que esta questão?

Eu lhe respondo:

__ É que você considera, eu creio, que toda pessoa enterrada há mais de um ano está morta.

Ele não negou.

__ Pois bem! Toda pessoa que não está enterrada há um ano está viva?

Ele diz:

__ Isto é uma consequência.

Eu continuei:

__ Mas, se toda pessoa que tem carência está na infelicidade, não se segue que toda pessoa que não tem carência seja feliz, mesmo que entre a felicidade e a infelicidade, como entre a vida e a morte, não possa existir um estado intermediário.

Capítulo 25

A felicidade é um valor.

Alguns dos meus ouvintes se mostraram um pouco lentos para entender esta proposição. Eu a esclareci da melhor forma e a apresentei sob diversas formas, em termos apropriados à sua inteligência.

Eu continuei:

__ Assim, não se duvida que ser infeliz é ter carências e não nos preocupamos aqui com alguma necessidade material que o sábio possa ter, pois estas necessidades não pesam sobre a alma, que é a sede da vida feliz. A alma do sábio, com efeito, é perfeita e nenhum ser perfeito tem carências. O sábio utilizará as coisas que lhe parecerem necessárias para o corpo, se ele as tiver à mão. Se ele não as tiver, a ausência dessas coisas não será suficiente para abatê-lo, pois toda pessoa sábia é uma pessoa de coragem e o corajoso não teme nada. O sábio, portanto, não teme a morte física e nem as dores que não se pode eliminar, evitar ou afastar por um tempo, com a ajuda dos bens dos quais ele pode ser desprovido. Mas ele não deixará de fazer um bom uso deles, se não for privado deles. É muito justo, de fato, este pensamento:

*Quando se pode evitar um mal nesta vida,
Sofrê-lo é uma loucura.⁶*

O sábio evitará, portanto, a morte e a dor, na medida em que ele possa fazê-lo, sem agredir as conveniências. E se ele não puder evitá-las, não será infeliz por sofrer tais incidentes, mas sim por não ter feito nada para evitá-las, quando podia tê-lo feito. Isso seria uma prova manifesta de loucura. Ao não evitar esses males, seremos infelizes não por sofrê-los, mas por termos feito uma loucura. Se, no entanto, apesar de honrosos esforços, o sábio não puder evitar esses males, ele não será

⁶ TERÊNCIO. *O Eunuco*, Ato VI, Cena 6.

infeliz por ser assolado por eles. Também é justo este outro pensamento do mesmo poeta:

*Quando não se pode o que se quer,
É preciso querer o que se pode.⁷*

Como o sábio pode ser infeliz, quando não lhe acontece nada que seja contrário à sua vontade? Pois o que ele sabe que não pode conseguir, ele não pode desejar. As coisas às quais sua vontade aspira não podem lhe faltar. O que ele deseja, de fato? Ele deseja que todas as suas ações sejam reguladas pelo princípio da virtude e pela lei divina da sabedoria. Ora, a satisfação deste desejo não pode lhe ser arrancado.

Capítulo 26

Quem é infeliz, por falta de sabedoria, sofre carências.

Examinemos agora se toda pessoa que é infeliz é carente. A dificuldade aqui é que há pessoas privilegiadas pela sorte, para as quais tudo é fácil e que bastam fazer um sinal para verem seus desejos realizados.

É difícil obter esse tipo de vida, mas, imaginemos uma pessoa como Orata, mencionado por Cícero. Como imaginar ousadamente que esse Orata tinha carências? Um homem rico, bem conceituado, uma pessoa de prazeres por excelência, que não tinha nada que desejar sob o ponto de vista dos prazeres, da credibilidade, da saúde que era boa e inalterável. Terras da melhor qualidade, amigos das melhores relações,

⁷ TERÊNCIO. *Andria*.

ele tinha tudo isso em abundância e com saciedade. Todos esses bens ele os usava convenientemente e no interesse de seu bem estar. Enfim, para resumir, todas as suas ações e todos os seus planos eram coroados de sucesso. Mas, talvez se possa dizer que ele queria ter mais do que ele tinha. Isso, ignoramos, mas ___ e isto basta para esta questão ___ supomos que ele não desejasse nada mais do que ele já possuía; faltava a ele alguma coisa, na opinião de vocês?

Diz Licêncio:

___ Mesmo que eu concordasse que ele não desejava nada (coisa bem difícil de admitir, quando se trata de uma pessoa que não é sábia) sempre há que se temer (pois dizem que ele era um bom espírito) que algum golpe do acaso lhe arrebatasse todos os seus bens. Não era preciso um grande esforço para ver que todos esses bens, por maiores que fossem, estavam submetidos aos golpes do azar.

Então, sorrindo, eu digo:

___ Você vê bem, ó Licêncio, que esse homem tão afortunado, encontrava na retidão de seu espírito um obstáculo à sua felicidade. Quanto maior fosse sua perspicácia, mais ele veria que podia perder todos os seus bens. Assim, ele era abatido pelo medo e tinha nos lábios o ditado bem popular: *Para a pessoa insegura, o bom senso é um mal.*

Capítulo 27

A ignorância é a carência essencial.

Licêncio e os outros se puseram a rir.

Eu lhes digo:

__ Aprofundemos este ponto. Mesmo estando preocupado, Orata não estava sob carência e este é o ponto da questão. A carência consiste em não ter e não em temer perder o que se tem. Ora, esse homem era infeliz por que ele temia mas, no entanto, não lhe faltava nada. Pode-se então ser infeliz sem ser carente.

Esta afirmação obtém a aprovação de todos e eu obtive a aprovação até de minha mãe. No entanto, em um tom ligeiramente indeciso, não sei, ela diz:

__ Não sei e não vejo bem como se pode separar a infelicidade da carência ou a carência da infelicidade. Esse homem rico e opulento e que __ como você disse, não desejava nada __ por isso mesmo temia perder sua fortuna, estava em carência, pois lhe faltava a sabedoria. Nós o chamaríamos de carente se lhe faltasse dinheiro ou posses, mas não o chamaríamos assim se lhe faltasse sabedoria?

Todo o grupo soltou um grito de admiração. Eu mesmo fiquei feliz de ouvir dos lábios de minha mãe, mais do que dos outros, esta grande verdade, que eu tinha visto nos livros de filosofia e que reservava para o fim da refeição.

Eu disse:

__ Vemos a diferença que há entre as almas alimentadas com tantas e diversas ciências e uma alma voltada inteiramente para Deus? De

onde saíam essas palavras que vocês admiram, se não é de uma fonte divina?

Licêncio disse, cheio de alegria:

— De fato, não se pode dizer nada mais verdadeiro e mais divino. Sim, a maior e mais deplorável carência é a falta de sabedoria e, quando temos sabedoria, nada pode nos faltar.

Capítulo 28

A sabedoria é a felicidade e a tolice é a infelicidade.

A carência da alma, eu retomo, não passa de tolice. A tolice, de fato, é o contrário da sabedoria, como a morte é o contrário da vida e como a felicidade é o contrário da infelicidade.

Entre estes estados, não há meio termo. Se qualquer pessoa que não é feliz é infeliz, se qualquer pessoa que não está morta está viva, também qualquer pessoa que não é tola é sábia; isto é evidente.

Daí vemos que a infelicidade de Sérgio Orata não vinha somente do medo que ele tinha de perder os bens da fortuna⁸, mas vinha também da tolice. Ele teria sido mais infeliz ainda se, no meio de seus supostos bens tão expostos e tão instáveis, ele estivesse livre de qualquer medo, pois essa segurança não viria da vigilância de uma alma forte, mas do entorpecimento de sua inteligência. Assim, mergulhado em uma tolice profunda, ele teria sido infeliz.

⁸ Isto é um pouco a doutrina de Horácio, que está na Carta VI, do Livro 2. Quando a pessoa deseja ou quanto tem medo, ela não é feliz.

Ora, se qualquer pessoa que não possui sabedoria é presa de uma grande carência e se a qualquer pessoa que possui sabedoria, em contrapartida, não falta nada, segue-se que a tolice é a carência.

Ora, da mesma forma que todo insensato é infeliz, toda pessoa infeliz é insensata. A infelicidade é, portanto, sempre a carência, como a carência é sempre a infelicidade. É isto que está demonstrado.

Capítulo 29

Carência significa não ter.

Como Trigécio disse que não havia compreendido bem esta conclusão, eu perguntei:

__ O que nós logicamente concordamos?

Ele respondeu:

__ Que se é carente quando não se tem sabedoria.

Eu retomei:

__ O que é então a carência?

__ É a falta de sabedoria.

__ E o que é a falta de sabedoria?

Ele se manteve calado.

Eu retomei:

__ Não é a tolice?

Ele respondeu:

__ Sim.

Eu retomo:

__ Ser carente é, portanto, ser tolo e, por consequência, carência e tolice são uma só e mesma coisa, com nomes diferentes. No entanto, dizemos, não sei como: há a carência e a há a tolice. É como se disséssemos de um lugar onde falta luz: há trevas. Isto é o mesmo que dizer: não há luz. São, de fato, as trevas que vão e vem, mas faltar luz é estar tenebroso, da mesma forma como, se faltar roupas, se está nu. As roupas, de fato, não afugentam a nudez, como se ela fosse móvel.

Falamos, portanto, da carência de uma pessoa, como falaríamos de sua nudez. A palavra carência, de fato, é uma palavra negativa. Eu acrescento então, para explicar melhor meu pensamento, que, quando se diz de alguém: ele tem a infelicidade da carência, é como se disséssemos: ele tem a infelicidade de não ter nada.

Assim, já que demonstramos que a tolice, propriamente, é uma carência verdadeira e positiva, cabe a vocês decidirem se resolvemos a questão que nos propusemos.

Nós nos perguntamos, de fato, se o que chamamos de infelicidade não é a mesma coisa do que chamamos de carência. Ora, nós provamos que a tolice pode ser chamada, muito justamente, de carência. Da mesma forma como todo insensato é um infeliz e todo infeliz é um insensato, assim também somos forçados a concordar que, não apenas toda carência é uma infelicidade, como também toda pessoa infeliz sofre de carência.

Ora, se todo insensato é um infeliz e todo infeliz é um insensato, conclui-se que a tolice e a infelicidade são sinônimas, por que, do fato de que todo aquele que sofre carência é um infeliz e toda pessoa infeliz sofre carência, não se conclui que infelicidade e carência são uma única e mesma coisa?

Capítulo 30 **Carência é o oposto da plenitude.**

Tendo todo mundo concordado, continuei nestes termos:

__ Resta-nos agora ver qual é a pessoa que não conhece carências, pois essa pessoa será sábia e feliz⁹. Ora, a tolice é a própria carência. Este é seu nome verdadeiro e a palavra carência traz comumente a ideia de esterilidade e miséria.

Observem, eu lhes peço, o cuidado que presidiu outrora a criação, se não de todas as palavras, pelo menos __ e isto é claro __ à criação das palavras que designam os objetos mais necessários para se conhecer.

Você já concordaram comigo que todo insensato é carente e que todos que são carentes são insensatos. Vocês concordaram comigo também __ eu creio __ que um espírito insensato é viciado e que a tolice designa todos os vícios do espírito.

⁹ Sêneca também escreveu um tratado sobre a vida feliz, onde declara que ao sábio __ ou seja, à pessoa feliz __ não falta nada.

No primeiro dia de nosso simpósio, dissemos que a palavra *nequitia* (vício) vem de *nec quidquam* (sem nada) e que frugalidade __ o contrário de vício __ vem de *flux, frugis* (fruto, produto). Assim, nestas duas qualidades contrárias __ frugalidade e vício __ o que parece dominar é o ser e o não-ser.

Ora, o que vemos de contrário à carência, que é a questão aqui?

Após um momento de hesitação geral, Trigécio assume:

__ Eu diria mesmo que é a riqueza. Mas, o contrário da riqueza é a pobreza, eu creio.

Eu lhe digo :

__ Você chegou perto. Pois pobreza e carência não tem comumente uma única e mesma acepção. Portanto, é preciso encontrar outra palavra. Não é necessário que, para designar a melhor palavra, tenhamos uma única expressão a nosso serviço. Quando temos de um lado os termos pobreza e carência para expressarem superabundantemente uma mesma situação, não é preciso que do outro lado só tenhamos para lhe opor o termo riqueza. Nada mais razoável, de fato, do que a pobreza de palavras, quando se trata de designar o contrário de carência.

Perguntou Licêncio:

__ E se disséssemos *plenitude*? Esta palavra, me parece, poderia ser o oposto da palavra *carência*.

Capítulo 31

Plenitude consiste em medida e limite.

Mais tarde, eu digo, poderemos aprofundar a questão das palavras. Não é isto, de fato, o que deve nos preocupar na busca da verdade.

Sim, apesar de Salústio __ esse pensador de expressões refinadas __, que opõe opulência à carência¹⁰, eu aceito a sua palavra *plenitude*. Aqui, de fato, não é o medo dos gramáticos que nos provoca febre e não temos que temer suas reprimendas por termos usado palavras sem escrúpulos, já que nos é permitido o uso de seus bens¹¹.

Meus ouvintes sorriram e eu continuei.

Já que eu resolvi considerar as opiniões de vocês __ quando vocês estão voltados para Deus e não como certos oráculos __ vejamos o que significa a palavra de Licêncio, pois ela me parece mais apropriada do que todas as outras.

Plenitude e carência são, portanto, termos contrários. Mas aqui também, como entre vício (*nequitia*) e frugalidade, vemos o ser e o não-ser. E, se carência é a tolice, plenitude será a sabedoria. Por outro lado, foi com razão que muita gente fez da frugalidade a mãe de todas as virtudes.

Cícero, que compartilha desta opinião, diz mesmo em um discurso popular: "Que se entenda como quiser, é sempre a frugalidade, ou

¹⁰ SALÚSTIO. *Guerra de Catilina*.

¹¹ Alusão ao gramático Veretondus, o generoso proprietário da casa onde estavam reunidos. Ver *Confissões*. Livro VIII, Cap. 6, Livro IX, Cap. 3 e outros.

seja, a moderação e a temperança, em minha opinião, a primeira das virtudes".

Palavras cheias de profundidade e justeza! Ele tinha em vista o fruto, ou seja, o ser, que é o oposto de não-ser. Mas os hábitos da língua comum, que toma a palavra frugalidade no sentido de parcimônia, o forçaram a esclarecer seu pensamento, dando como companhia à frugalidade, a moderação e a temperança; duas palavras que devemos examinar com mais atenção.

Capítulo 32 **Portanto, sabedoria é plenitude.**

A palavra moderação vem de *modus* (medida) e a palavra temperança vem de *temperies* (justo temperamento). Ora, a medida e o justo temperamento excluem o mais e o menos. Então, ao dizer *plenitude*, para expressar o contrário de carência, nós fomos bem mais exatos do que se tivéssemos dito *abundância*.

Pela palavra abundância, de fato, entende-se o escoamento e como que o transbordamento de uma coisa que superabunda. Aqui então, é a medida que é preciso ter e a tudo o que é excessivo falta medida. Desta forma, a própria abundância pode sofrer de carência, enquanto que a medida não conhece nem o mais e nem o menos.

A própria opulência, examine-a bem, não ultrapassa a medida. De fato, é da palavra *ops, opis*, (capacidade, poder) que vem a palavra opulência. Ora, como o excesso poderia nos ajudar, quando, às vezes, ele é

mais prejudicial do que o pouco? O muito pouco e o demasiado ___ por que lhes faltam medida ___ entram no domínio da carência.

A medida da alma é, portanto, a sabedoria, pois a sabedoria é o contrário da tolice. Isto é inegável, pois a tolice é a carência e o contrário da carência é a plenitude. A sabedoria é, portanto, a plenitude.

Ora, na plenitude há a justa medida. A justa medida da alma é, portanto, a sabedoria. É, portanto, uma bela máxima, a mais útil máxima para a vida de uma pessoa, aquela proclamada com razão pelo poeta: "Nada de mais"¹².

Capítulo 33 **A justa medida.**

Dissemos, ao começar nossa conversa deste dia, que, se considerarmos que a infelicidade não é outra coisa além da carência, aceitaremos que, quando não se tem carências, se é feliz. Assim, consideramos que ser feliz é não ter carências e é ser sábio.

Agora, se vocês me perguntarem o que é a sabedoria ___ pois esta é a palavra que a razão sempre procurou, na medida do possível, explicar e tirar das trevas ___ eu diria que é, precisamente, a justa medida da alma, o círculo no qual a alma se move, de maneiras a não se colocar além de seus limites e a não se restringir, permanecendo aquém deles.

¹² TÊRÊNCIO. *Andria*, Ato 1, Cena 4. O preceito de Terêncio é, de fato, uma recuperação dos gregos, que tinham dito antes dele: *medeh agah*. Cf. também PLUTARCO. *De Tranq. an.* 16, 474c.

A alma ultrapassa seus limites quando se joga nos prazeres, na ambição, no orgulho e outros excessos do mesmo gênero, onde as almas infelizes, que não sabem se controlar, acreditar encontrar a satisfação e o poder.

O que restringe a alma, pelo contrário, são as impurezas, as apreensões, as mágoas, a cobiça, é, enfim, tudo o que faz a infelicidade das pessoas e cujas misérias elas mesmas confessam.

Mas, quando a alma concentra essa sabedoria que ela encontrou; quando __ para empregar a expressão desse menino __ ela se atém a ela; quando, insensível aos objetos inúteis, ela não se volta aos simulacros enganosos aos quais ela pode se ligar sem se afastar de Deus e sem decair; nenhum excesso e, por consequência, nenhuma carência e nenhum mal lhe provocam temor.

A alma feliz está, portanto, de posse de sua justa medida, ou seja, da sabedoria.

Capítulo 34

Deus, enquanto Verdade, é a plenitude ideal e a justa medida.

Mas, qual é a sabedoria digna deste nome, se não é a sabedoria de Deus? Ora, uma autoridade divina nos ensina que o Filho de Deus é a sabedoria de Deus¹³ e o Filho de Deus, sem dúvida nenhuma, é Deus.

¹³ Cf. I Coríntios 1: 24.

Toda pessoa feliz está, portanto, de posse de Deus, como concordamos desde o início deste simpósio. Mas, segundo vocês, a sabedoria não é a verdade? É igualmente o que está escrito: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*¹⁴. Ora, se a sabedoria é a própria verdade, ela deve isso, em suprema medida, à sua origem e à qual ela se liga quando ela é perfeita. Acima dessa suprema medida não há outra medida, pois, se a suprema medida é medida pela medida suprema, ela é, propriamente, a medida.

A suprema medida é necessariamente também a verdadeira medida. Se então, a verdade vem da medida, essa medida é a verdade que a mostra. Assim, fora da justa medida não há verdade e fora da verdade não há medida.

O que é o Filho de Deus? Está dito: é a Verdade. Quem é aquele que não teve pai? Não é esse Ser que é a medida suprema? Toda pessoa então que, através da verdade, chega a essa medida suprema, é feliz.

Isso é o que se chama de possuir Deus com a alma, ou seja, desfrutar de Deus. Tudo o mais, que não é a alma feliz, está na posse de Deus, sem possuir Deus.

Capítulo 35

Participar da Verdade é ser feliz.

Mas essa voz que nos estimula a pensar em Deus, a buscá-lo, a ter sede dele, a banir toda mornidão, de onde ela vem, se não é da própria

¹⁴ João 14: 6.

fonte da Verdade? Ela é um raio que espalha sobre a visão de nossa alma um sol misterioso. É dela que emana toda verdade que sai de nossa boca, mesmo quando nossos olhos, ainda doentes ou recentemente abertos, hesitam em se voltar ousadamente para ele e olhá-lo de frente. Essa verdade é o próprio Deus, em sua imutável perfeição, pois tudo nele é perfeito e ele também é onipotente.

Mas, enquanto o buscamos, enquanto ainda não estamos bebendo da própria fonte e, por assim dizer, não estamos na plenitude, reconhecemos que ainda não atingimos nossa medida e, por causa disso, embora Deus já nos ajude, ainda não somos sábios e felizes.

A plenitude da alma, a vida bem-aventurada, consiste então em possuir um pio e perfeito conhecimento do Ser que guia nossos passos rumo à verdade; um pio e perfeito conhecimento dessa verdade que se desfruta e do laço que prende à suprema medida. A pessoa inteligente, ao banir as inumeráveis mentiras da supertição, vê nestas três coisas um só Deus e uma só substância.

Aqui, minha mãe, encontrando as palavras gravadas em sua memória e despertadas, por assim, pelo apelo de sua fé, fez jorrar com alegria este verso de nosso santo bispo: "Trindade santa, escutai nossas preces"¹⁵.

Depois, acrescentou:

¹⁵ Santo Ambrósio. Hino *Deus creator omnium*.

__ É esta, sem dúvida, a vida bem-aventurada, que é também a vida perfeita e ao seio da qual é preciso presumir que uma fé inabalável, uma viva esperança, uma ardente caridade guiarão nossos passos apresados.

Capítulo 36 **Fim do simpósio e despedidas.**

Agora, eu digo, já que a própria necessidade nos ordena manter uma justa medida e nos avisa para deixar algum intervalo entre nossas reuniões à mesa, eu dou graças com toda minh'alma, ao Deus todo poderoso e verdadeiro, nosso Pai, ao Senhor libertador das almas.

Dou graças também a vocês que, não contentes em responder ao meu convite, foram tão generosos para comigo, pois se dedicaram tanto à nossa conversa que foram vocês, meus convivas, que me alimentaram.

Então, enquanto todos se regozijavam louvando Deus, Trigécio me disse:

__ Você deveria nos propiciar todos os dias uma refeição assim.

E eu lhe respondi:

__ E vocês deveriam saber que é preciso amar em todo lugar e em todo lugar manter essa divina medida, se vocês têm o coração voltado para Deus.

Estas palavras terminaram nossa conversa e nos separamos.

Créditos

Original: *De beata vita*

© 386 Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018 Teodoro Editor – Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Tradução de: Souza Campos, E. L. de

Traduzido de *De la Vie Bienheureuse*. Tradução do latim de M. Baissey
In *Œuvres Complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc, L. Guérins & Cie
éditeurs, 1863.

Cotejado com *De la vida feliz*

Tradutor: Victorino Capánaga, OAR

E com Sant’Agostino. *La felicità*.

Conteúdo

A vida feliz _____	2
Introdução _____	2
Capítulo 1 _____	3
O infortúnio e a vocação para a filosofia. _____	3
Capítulo 2 _____	4
As três categorias de navegadores. _____	4
Capítulo 3 _____	6
A montanha da vanglória. _____	6
Capítulo 4 _____	7
As experiências espirituais de Agostinho. _____	7
Capítulo 5 _____	9
O estado atual da consciência de Agostinho. _____	9
Capítulo 6 _____	11
Apresentação dos participantes do simpósio. _____	11
Capítulo 7 _____	12
A consciência do necessário e do desejo. _____	12
Capítulo 8 _____	14
Necessidade, alimento da alma, conhecimento e virtude. _____	14
Capítulo 9 _____	16
Saúde moral e desejo. _____	16
Capítulo 10 _____	17
O desejo universal de felicidade. _____	17
Capítulo 11 _____	19
O objeto do desejo e da felicidade. _____	19
Capítulo 12 _____	22

As diversas opiniões dos participantes. _____	22
Capítulo 13 _____	23
Moderação na busca. _____	23
Capítulo 14 _____	24
Segundo Agostinho, os acadêmicos não alcançaram a felicidade. _____	24
Capítulo 15 _____	25
Licêncio rebate a tese de Agostinho. _____	25
Capítulo 16 _____	27
Mônica define os epiléticos. _____	27
Capítulo 17 _____	28
Recapitulação do debate. _____	28
Capítulo 18 _____	30
A conveniência das três opiniões. _____	30
Capítulo 19 _____	32
A busca de Deus é a soma de todos os desejos. _____	32
Capítulo 20 _____	33
A objeção de Navígio à busca do filósofo acadêmico. _____	33
Capítulo 21 _____	34
O Deus propício e o movimento rumo à felicidade. _____	34
Capítulo 22 _____	36
Ter Deus por si e não ser feliz. _____	36
Capítulo 23 _____	37
O problemático conceito de carência. _____	37
Capítulo 24 _____	38
Não necessariamente quem não está sujeito a carências é feliz. _____	38
Capítulo 25 _____	39
A felicidade é um valor. _____	39

Capítulo 26 _____	41
Quem é infeliz, por falta de sabedoria, sofre carências. _____	41
Capítulo 27 _____	42
A ignorância é a carência essencial. _____	42
Capítulo 28 _____	44
A sabedoria é a felicidade e a tolice é a infelicidade. _____	44
Capítulo 29 _____	45
Carência significa não ter. _____	45
Capítulo 30 _____	47
Carência é o oposto da plenitude. _____	47
Capítulo 31 _____	49
Plenitude consiste em medida e limite. _____	49
Capítulo 32 _____	50
Portanto, sabedoria é plenitude. _____	50
Capítulo 33 _____	51
A justa medida. _____	51
Capítulo 34 _____	52
Deus, enquanto Verdade, é a plenitude ideal e a justa medida. _____	52
Capítulo 35 _____	53
Participar da Verdade é ser feliz. _____	53
Capítulo 36 _____	55
Fim do simpósio e despedidas. _____	55
Créditos _____	56
Conteúdo _____	57